



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

(cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

O presente de Dad

Em meio a tantas notícias ruins, retorno das férias e recebo uma novidade alentadora: a Dad voltou. E voltou com a corda toda. Aproveitou o período de confinamento compulsório da pandemia para cuidar da saúde e para realizar projetos. Ao longo de décadas, ela contribuiu para alfabetizar, desasnar e lapidar várias gerações de brasilienses no trato com a língua portuguesa.

Se tínhamos alguma dúvida insanável

na redação, ligávamos para a Dad, e ela resolvia sempre da maneira mais gentil. Dad é elegante no vestir, no escrever e no viver. Ensinar é um dom que ela exerce com toda a generosidade.

Certa vez, ela passou por uma blitz do Detran, um policial a identificou, entabulou uma consulta sobre dúvidas gramaticais pra lá de Marrakech que provocou um terrível engarrafamento de trânsito. Em outra ocasião, uma excelência flagrada em agressão à norma culta ficou brava e chamou Dad de arrogante. Só faltou alegar ter foro privilegiado. A pendência gramatical quase foi parar no STF. Dad permaneceu inarredável no senso de humor.

Durante anos a fio, editei as colunas

da Dad e, confesso, sentia uma ponta de alegria quando encontrava um erro, pois, na minha cabeça, ela era infalível. Mas Dad sorria e não tinha nenhuma dificuldade em admitir que também comete deslizes e desatenções. O erro a humaniza.

Inventei uma teoria sobre a cabeleira desagulhada da Dad, uma de suas marcas registradas. Sempre imaginei que ela tinha os cabelos arrepiados de tanto se espantar com as declinações capengas, as regências verbais estropiadas, as vírgulas indevidas, as incorreções de grafia, os cacófonos e outros equívocos crassos que lê ou ouve. A cada erro, o cabelo dela foi se espetando até forjar o estilo Dad de madeixas rebeldes, tão

original e que lhe cai tão bem.

As colunas que Dad Squarisi publica no **Correio** são minicursos inteligentes, ilustrados, bem-humorados e leves. Você aprende e se diverte. Não há método pedagógico mais eficiente. Todavia, a gente só conhece mesmo uma pessoa de verdade em uma situação extrema, em uma situação-limite. Além dos ensinamentos sobre a língua portuguesa, a maior lição que Dad nos deu foi de vida.

Ao se deparar com doença traiçoeira, Dad se abalou, mas jamais se entregou. Enfrentou tudo com uma coragem, uma serenidade, uma humildade e uma dignidade comovedoras. A doença não a impediu de viver plenamente a vida e de exercer a vocação

com prazer. Ela tem algo de oriental na busca da essencialidade de todas as experiências. A fé de Dad é capaz de mover montanhas de empecilhos.

Durante o confinamento imposto pela pandemia, ela escreveu o livro *Maravilhas de Brasília*, que subverte completamente a imagem da capital estigmatizada pelas bandalheiras da classe política. Com leveza, imaginação e humor, ela mostra facetas pouco conhecidas dos forasteiros: o cerrado, o céu, a arquitetura, o Plano Piloto, o paisagismo e os brasilienses. É um presente para todos nós a volta de Dad.

PS: Ela autografa o livro *Maravilhas de Brasília*, hoje, na Livraria da Travessa (Casapark) e, no dia 5, na Banca da Conceição.

EDUCAÇÃO / Desenho de alunos em exposição alusiva ao Dia da Consciência Negra mostra policiais com símbolo nazista. Vice-diretora de escola militarizada da Estrutural virou alvo de protestos

Polêmica em mural de escola

» ANA ISABEL MANSUR

A vice-diretora do Centro Educacional 1 da Estrutural (CED 1), Luciana Pain, 40 anos, virou alvo de protestos após atividade especial, na última sexta-feira, alusiva à Consciência Negra. A escola, cuja gestão é compartilhada entre civis e militares, tornou-se o centro de uma polêmica entre docentes e policiais após uma exposição, disposta em um dos corredores do colégio. Entre as figuras expostas, estavam imagens que denunciavam atitudes racistas da Polícia Militar; em uma delas, um PM aparece com uma suástica. As ilustrações foram feitas por alunos.

De acordo com a vice-gestora, a direção militar da escola pediu que os itens fossem retirados, mas Luciana se recusou. Entre os painéis, há imagens que valorizam a cultura africana e tirinhas que abordam o preconceito racial. Segundo a vice-diretora, as ilustrações abordavam assuntos relacionados à negritude e não passaram por nenhum tipo de manipulação.

No entanto, os itens que retratavam policiais como racistas e com

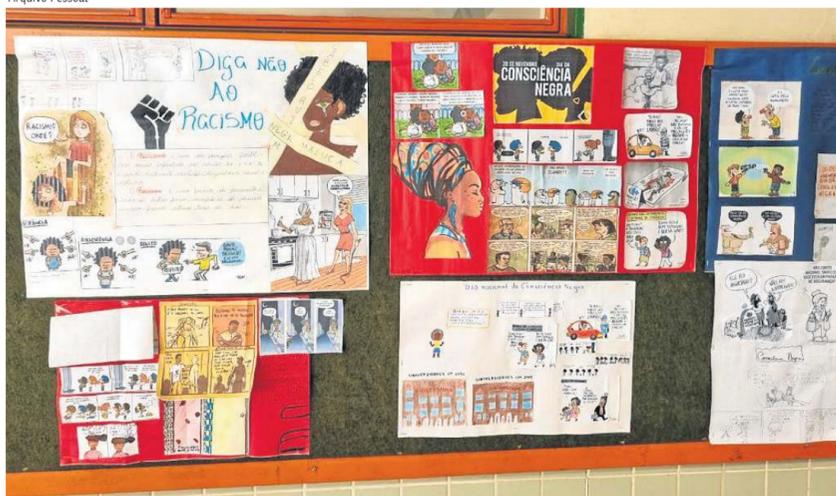
símbolos nazistas teriam desagradado a um militar atuante na unidade, que procurou o diretor-disciplinar da escola. “Ele (o diretor) me chamou e pediu que eu retirasse a imagem. Eu disse que não faria isso, e ele falou que teria que reportar aos superiores”, contou Luciana, destacando que a intenção da mostra não era promover um ataque. “Não estamos contra a polícia. A polícia melhorou muito nosso trabalho dentro da escola, mas não podemos aceitar esse tipo de interferência. Vamos usar a questão como uma oportunidade para tratarmos o tema em sala de aula”, comenta.

Retaliações

Depois do episódio, as imagens foram publicadas nas redes sociais e desagradaram a alguns representantes da categoria. Em nota, a Associação dos Oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal (ASOF/PM-DF) repudiou as imagens. “A exposição não traz um debate enriquecedor”, criticou. Até o momento, tanto Luciana quanto os painéis seguem no CED 1.

Na terça-feira, o deputado federal Heitor Freire (PSL-CE) enviou

Arquivo Pessoal



Cartazes no Centro Educacional 1 da Estrutural em alusão ao Dia da Consciência Negra

ofício à secretária de Educação do DF, Hélvia Paranaçu, pedindo “punição exemplar” contra a vice-diretora e uma retratação formal perante a PMDF, além de classificar a atividade como “absurda”. “Cumpra ressaltar que o ultraje perpetrado na exposição, ainda

mais se tratando de uma escola cívico-militar, é claramente uma ação planejada por grupos que se utilizam de sua função pública para enviesar a juventude e causar a deturpação na nossa educação”, defendeu o parlamentar.

Dois dias depois de enviar o

ofício, o deputado foi à escola sem avisar e divulgou as cenas em redes sociais. No vídeo, Heitor Freire conversa com a vice-diretora, e o diálogo procede sem exaltação de ânimos. O deputado alegou que denunciaria a direção pedagógica da escola ao

Ministério Público. Mais tarde, na tribuna da Câmara dos Deputados, o parlamentar comentou sobre o episódio, afirmando que Luciana havia sido “ofensiva.”

Debate e diálogo

Em nota, a Secretaria de Educação informou que considera “preocupante o fato de um estudante ter a imagem das Forças de Segurança associada ao racismo ou ao nazismo e acha importante que o tema seja debatido durante o processo pedagógico.” Já a Secretaria de Segurança Pública assegura que esta não é a realidade da Polícia Militar do Distrito Federal. As duas secretarias afirmam que vão aprofundar a parceria em prol da educação pública, ampliando os espaços de diálogo com estudantes, pais, professores e gestores.

A reportagem procurou a Polícia Militar do DF, mas, até o fechamento desta edição, não obteve respostas. O espaço segue aberto. O **Correio** não obteve confirmação do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) acerca de suposta denúncia feita pelo deputado federal Heitor Freire.

SEMINÁRIO

Defensoria Pública discute racismo

» EDIS HENRIQUE PERES

A “Atuação antirracista da Defensoria Pública na perspectiva Criminal” foi tema de seminário promovido, ontem, pela Associação Nacional das Defensoras e Defensores Públicos (Anadep) e pela Comissão Temática de Igualdade Étnico-Racial. Rivana Ricarte, presidente da Anadep, garantiu que o debate contra o racismo é um caminho que não deve ser deixado de lado e que a “luta é permanente”.

De acordo com Rivana, é importante que as ações de combate ao preconceito reverberem nas instituições e “que essa pauta tenha visibilidade constante”. “O que a gente, enquanto Defensoria, pode fazer, é muito mais do que o serviço jurídico pago pelo

Estado. Temos a capacidade de contribuir com políticas públicas para o país. E toda campanha que promovemos é dar luz a essas situações”, garantiu.

Maria José de Nápolis, da Defensoria Pública do DF (DPDF), constatou que “é muito difícil entrar no presídio e ver que a maioria das pessoas é parda e negra e ver a visão que a nossa sociedade traz”. “Trago uma reflexão da Elza Soares, pois como ela disse, a carne mais barata do mercado é a carne negra. Essa nossa luta tem que ser de todos contra o racismo”, afirma.

O primeiro painel teve como tema a “Representatividade negra na grande imprensa” e contou com a presença da subeditora do **Correio** Carmen Souza, titular da coluna *Pretos no Topo*, e do jornalista Luiz Fara Monteiro, apresentador

do *Jornal da Record*, repórter do R7 e radialista. A mesa teve a mediação da defensora pública da Bahia e coordenadora da Comissão Temática da Igualdade Étnico-Racial da Anadep, Clarissa Verena.

Carmen chamou a atenção para a proposta inovadora da coluna *Pretos no Topo*, iniciada em janeiro. “Assumi em maio com a perspectiva de diversificar o debate”, conta. “Acho que não devemos focar apenas em relatos sobre preconceitos, sobre nossas dores. Temos muito mais a dizer.”

A jornalista ressaltou que os profissionais de comunicação precisam ser sensibilizados quanto as questões raciais. “O cuidado com o discurso racista não deve ser só meu, ou de um colega negro, deve ser de todos. Principalmente porque os profissionais que têm mais

tempo, ou que ocupam os cargos mais altos, são, geralmente, pessoas brancas”, salienta.

Oportunidades

O segundo painel discutiu a “Atuação da Defensoria Pública no âmbito criminal e perspectiva antirracista”, e contou com a presença de defensores públicos de todo o país na mesa de debate: Carla Caroline Silva (SE), Alessandra Quines (RS) e Maxnei Gonzaga (MG), com a mediação realizada pela defensora do Rio de Janeiro e coordenadora do Núcleo Contra a Desigualdade Racial (Nucora), Daniele Silva. A defensora destacou: “não acredito em representatividade enquanto houver um jovem negro morando a cada 23 minutos no país”.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



A jornalista do **Correio** Carmen Souza (D) participou do seminário

O defensor Maxnei Gonzaga salientou a necessidade de os jovens poderem conhecer realidades diferentes das que estão inseridos. “Teve uma ocasião em que não tínhamos locais para os adolescentes cumprirem

as medidas socioeducativas. Sugerimos que eles atuassem na defensoria, na Polícia Civil e no Fórum. Houve resistência, mas conseguimos a autorização. No fim, uma jovem foi prestar o serviço conosco.”

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 26 de novembro de 2021.

» Campo da Esperança

Ângela Neto Barbosa, 67 anos
Antônio Carlos Silva, 73 anos
Etelvina Braz Rocha de Azevedo, 70 anos
Joana de Andrade, 86 anos
Maria das Neves Oliveira Ângelo, 79 anos
Maria do Socorro Lima Ferreira, 75 anos
Pedro Carlos da Silva, 94 anos
Raimundo de Lima do Nascimento, 74 anos
Rivanda Maia Pimentel, 84 anos

Robespierre Lenine

Itagiba, 71 anos
Ronilce Moreira de Jesus Borges, 53 anos

» Taguatinga

Antônia Moreira Dias, 70 anos
Letícia Ancele da Silva, menos de 1 ano
Maria das Dores Neres de Oliveira, 76 anos
Maria das Neves Carvalho Costa, 86 anos
Teodora Rodrigues da

Rocha, 96 anos

Vanda Cardoso de Amorim, 34 anos

» Planaltina

Anesia Teixeira das Dores, 59 anos

» Gama

Maria Aparecida Benevides, 60 anos
Maria do Carmo Caetano de Araújo Costa, 60 anos

Maria José Rodrigues

Morais, 74 anos
Nelson Alves Carneiro, 86 anos
Urbano Ferreira Silva, 67 anos
Washington Luiz de Oliveira, 61 anos
Zayra Gomes de Almeida, menos de 1 ano

» Brazlândia

Maria Anita Bispo Celestina, 72 anos

» Sobradinho

Davi Lucas Cordeiro Rodrigues, menos de 1 ano
Fernando Cabral de Oliveira, 59 anos
João Batista Cardoso, 79 anos
Lorrany Torres Santos, menos de 1 ano
Mirele Pinheiro da Silva Cruz, menos de 1 ano
Bruna dos Santos Alves, menos de 1 ano
Camila de Andrade Santos Borges, menos de 1 ano

Rafael Vicente dos Santos, 61 anos

» Jardim Metropolitano

Vanessa de Castro Lima, 39 anos
Irene Maria de Lima, 70 anos
Eny de Souza Gonçalves Pires, 92 anos (cremação)
Elias de Souza Castro, 78 anos (cremação)
Gláucia Franco Caldas, 57 anos (cremação)